

CIÊNCIA E MIGRAÇÃO: CONSTRUINDO PONTES PARA A INTEGRAÇÃO REGIONAL

Nas últimas décadas, a América Latina e o Caribe têm testemunhado intensos fluxos migratórios. A migração, longe de ser apenas um fenômeno demográfico, reflete profundas desigualdades estruturais, crises econômicas, instabilidade política e, mais recentemente, os efeitos das mudanças climáticas. No entanto, nesse contexto desafiador, a ciência surge como uma ponte capaz de conectar comunidades, preservar identidades e construir novas oportunidades para a região.

A migração de talentos científicos não é um fenômeno novo. Muitas vezes, a falta de condições adequadas para pesquisa, a precariedade laboral e o investimento limitado em ciência e tecnologia forçaram muitos pesquisadores a buscar oportunidades no exterior. Essa "fuga de cérebros" foi tradicionalmente vista como uma perda irreparável. Contudo, nos últimos anos, a visão sobre a diáspora científica latino-americana começou a mudar: cada vez mais se reconhece o valor dos pesquisadores migrantes como atores fundamentais no fortalecimento de redes de colaboração, na transferência de conhecimento e na geração de projetos com impacto regional.

A ciência, por sua natureza colaborativa e transfronteiriça, oferece ferramentas únicas para transformar a migração em oportunidade. Cientistas migrantes não apenas mantêm vínculos com seus países de origem, mas também se tornam pontes para comunidades acadêmicas globais. Por meio de projetos conjuntos, publicações coautorais e participação em redes internacionais, esses pesquisadores ajudam a evidenciar os problemas da região, atrair financiamento e fomentar a formação de novos talentos.

Entretanto, o potencial transformador da ciência no contexto migratório não se limita apenas à diáspora científica. A ciência também pode ser um veículo de integração para as populações migrantes nos países de acolhimento. Promover programas de alfabetização científica, projetos comunitários de saúde e atividades de divulgação em comunidades receptoras pode ajudar a reduzir barreiras culturais e linguísticas, além de fortalecer o sentimento de pertencimento e coesão social.

Nesse sentido, é fundamental repensar as políticas públicas para apoiar os cientistas migrantes e, ao mesmo tempo, aproveitar suas contribuições para o desenvolvimento regional. Fortalecer iniciativas que promovam a cooperação Sul-Sul, criar programas de retorno temporário e fomentar redes de mentoria são estratégias que podem potencializar o poder transformador da ciência.

Da mesma forma, não podemos esquecer a importância de valorizar e proteger os saberes locais e ancestrais. No contexto migratório, esses conhecimentos são frequentemente deslocados ou invisibilizados. A ciência tem a responsabilidade ética de integrar e respeitar esses saberes, criando espaços de diálogo intercultural que enriqueçam a produção de conhecimento e contribuam para soluções mais inclusivas e sustentáveis.

A América Latina e o Caribe enfrentam desafios comuns: perda de biodiversidade, crises sanitárias, desigualdade social e vulnerabilidade a desastres naturais. Esses problemas não conhecem fronteiras e exigem respostas conjuntas, baseadas na cooperação científica e tecnológica. A integração regional, nesse sentido, não deve ser vista apenas como um ideal político, mas como uma necessidade estratégica para garantir o bem-estar das nossas comunidades.

Revistas científicas, como a *Interciencia*, desempenham um papel crucial nesse processo. Ao dar visibilidade a pesquisas que abordem o fenômeno migratório sob perspectivas multidisciplinares e ao promover a publicação de trabalhos que integrem experiências, saberes regionais e colaborações transnacionais, a *Interciencia* contribui ativamente para construir uma ciência mais inclusiva, solidária e comprometida com a realidade social da região.

Por fim, é imprescindível reconhecer a coragem e a resiliência de quem migra. Cada história de migração carrega não apenas desafios pessoais, mas também um imenso potencial de transformação social. A ciência, em seu sentido mais amplo e humanitário, pode e deve ser uma ferramenta para transformar essas experiências em oportunidades de desenvolvimento coletivo.

Assim, a migração não deve ser vista exclusivamente como uma perda para a região, mas como uma oportunidade para tecer redes mais fortes, construir pontes de conhecimento e fortalecer a identidade latino-americana e caribenha. A ciência tem a responsabilidade de liderar esse caminho, demonstrando que, quando pontes são construídas e espaços de cooperação são abertos, as fronteiras geográficas se diluem e se multiplicam as possibilidades de um futuro comum e sustentável.

ANA RAQUEL PICÓN ÁVILA
Director (E)
INTERCIENCIA